

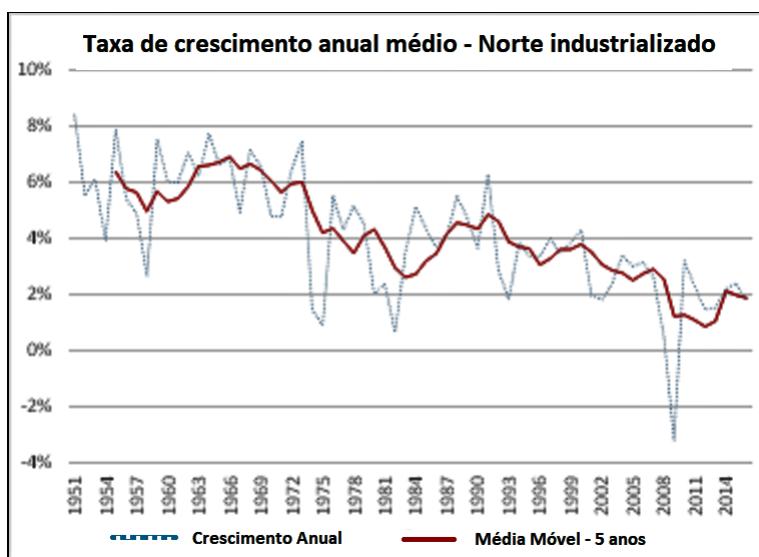
A sexagenária tendência declinante do crescimento econômico nos países industrializados do mundo

Alan Freeman¹

O declínio do Norte no pós-guerra

Este relatório provisório usa dados de uma série de fontes autorizadas para estudar o crescimento econômico do Norte industrializado, no pós-guerra e a longo prazo. Mostra que, ao contrário do que se acredita, ele tem caído continuamente, com apenas breves e limitadas interrupções, desde pelo menos o início dos anos 1960. A tendência é extremamente forte e inclui todas as principais economias do norte, sem exceção. Esse dado é confirmado por uma ampla gama de diferentes medidas do PIB e do crescimento, incluindo tanto medidas com base na paridade de poder de compra quanto do PIB real padrão, assim como por meio de uma série de métodos para agrregar os dados de diferentes países. É, portanto, uma tendência histórica extremamente bem confirmada.

Figura 1



Esta evidência lança nova luz sobre as dificuldades atuais da economia mundial e tem muitas implicações profundas. Ela entra em conflito com qualquer ideia de que a atual crise ou “grande depressão” – tal como é cada vez mais referida até mesmo na literatura dominante – tenha origem em algum recente transtorno ou regime de acumulação, como o neoliberalismo ou a financeirização. De fato, as raízes da crise atual

¹ Universidade de Manitoba, Canadá, diretor do Geopolitical Economy Research Group.

se encontram no longo processo histórico que se iniciou com expansão do pós-guerra, isto é, com a assim chamada de “Idade de ouro”.

Ele lança luz sobre muitos fenômenos recentes, tais como a ascensão do governo Trump e da extrema direita, a rápida erosão do tradicional centro socialdemocrata e/ou liberal na política do Ocidente, a dramática expansão da agitação social em grande parte do mundo ocidental e as crescentes tensões militares e econômicas que agora afetam as relações Norte-Sul.

Ele entra em conflito com qualquer ideia de que os problemas atuais possam ser resolvidos a médio ou longo prazo por medidas limitadas, sejam de esquerda, como os estímulos fiscais e monetários, sejam de direta, especialmente a austeridade, mas também o nacionalismo de Donald Trump e outros governantes semelhantes.

Finalmente, este padrão do “norte global” está em contraste com o padrão do “sul global”. Este inclui, mas não se limita, à China, tema que será o assunto de um relatório posterior. Este relatório baseia-se em um conjunto de dados abrangente sobre a história macroeconômica que está sendo montado como parte do projeto de dados do Grupo de Pesquisa em Economia Geopolítica (GERG: www.geopoliticaleconomy.org) da Universidade de Manitoba.

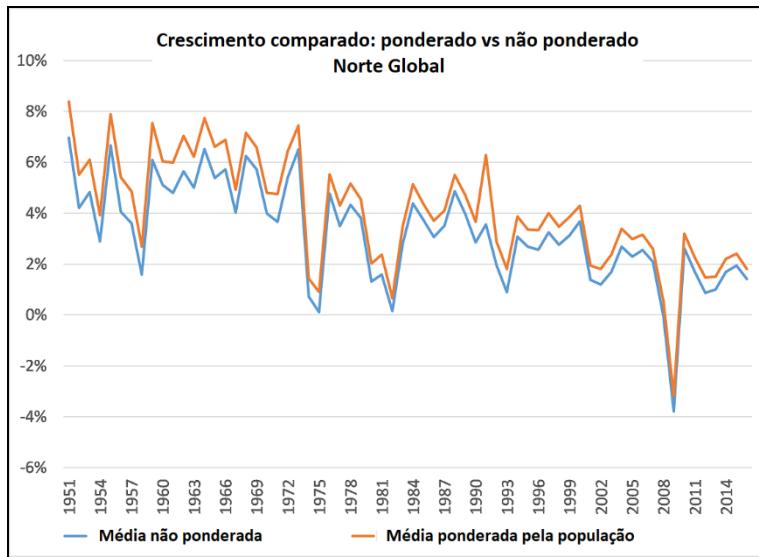
Uma trajetória consistente de queda

O projeto GERG-dados se desenvolve com o objetivo de estender o leque de fontes disponíveis aos pesquisadores num formato definido por este projeto, com o preciso objetivo de permitir que testes de sensibilidade possam ser realizados. Referimo-nos a essa abordagem como “pluralismo de dados”.

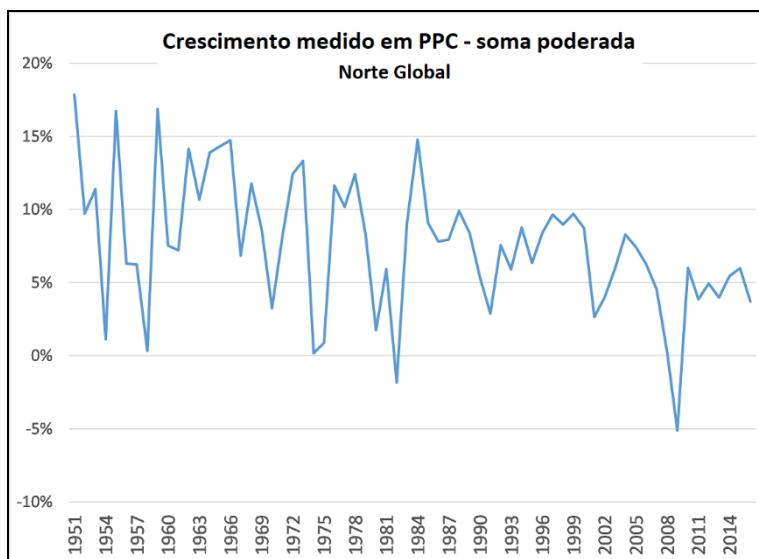
Para apresentar a perspectiva histórica a serem fornecidas por esses conjuntos de dados, considere-se a primeira figura 1 no início deste documento. Este gráfico fornece uma média simples das taxas de crescimento de cada um dos 16 países em nossa definição do Norte.²

Tal média poderia ser razoavelmente criticada pelo fato de que, se as taxas de crescimento de cada país são muito diferentes, ou exibem uma tendência diferente, e se um pequeno país ou grupo de países mostra uma tendência mais acentuadamente declinante do que os outros, então a tendência declinante será exagerada. O próprio FMI está ciente desse problema, o qual advém da causa bastante fundamental de que a produção “real” ou o PIB são normalmente medidos em termos de preços em cada país e, portanto, usam a moeda daquele país. O PIB desses países não pode, portanto, ser somado, por exemplo, adicionando o PIB real do Reino Unido em 2016 de £ 6.801.968.640 ao PIB real dos EUA de US\$ 34.667.401.216, porque as unidades são diferentes.

² Austrália, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Japão, Países Baixos, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos

Figura 3

No entanto, é mais razoável construir algum tipo de média das taxas de crescimento do PIB, porque as taxas de crescimento não têm, em princípio, dimensão, isto é, não são expressas em nenhuma moeda específica. A questão é, no entanto, qual peso deve ser atribuído a cada país. O FMI pondera os países, dentro de cada um de seus grupos de países, pela parcela de seu PIB, medida em termos de PPC, no PIB mundial, e em média ao longo de três anos (FMI 2018). Isto tem uma desvantagem pois parece mais volátil do que de fato é, já que os pesos podem flutuar mesmo que as taxas de crescimento não o façam. Uma alternativa mostrada na Figura 3 é ponderar taxas de crescimento por população.

Figura 4

No entanto, como mostram as Figuras 3 e 4, a tendência nas taxas de crescimento é bastante insensível ao método de ponderação. Medida como uma média

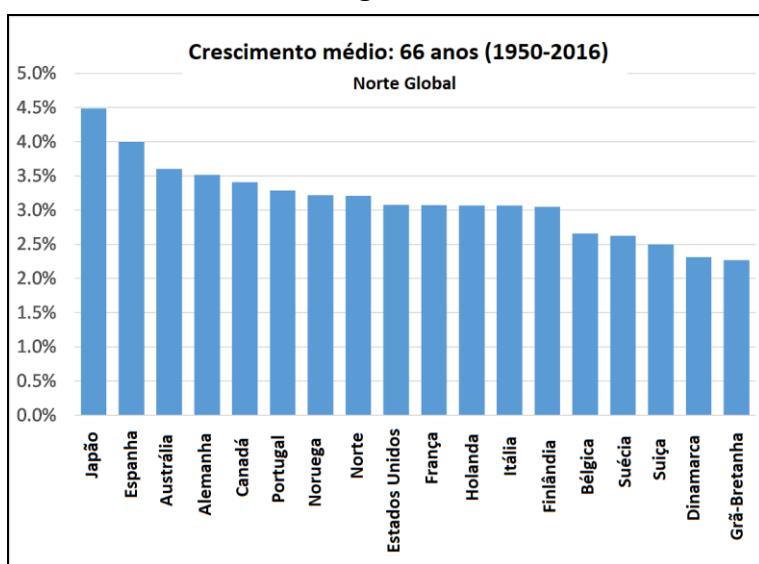
simples, como uma média ponderada pela população, ou como uma média ponderada pela participação na PPC, a tendência é quase idêntica.

Há uma razão por trás disso, mostrada nas figuras 5 e 6: a tendência decrescente no crescimento do PIB se aplica em todos os países do norte. Esta é, de facto, uma das conclusões mais importantes deste relatório: está ocorrendo não apenas um declínio na taxa de crescimento do PIB de um país (por exemplo, dos Estados Unidos, cujo declínio foi estudado de forma mais exaustiva), mas de todo um grupo – os países avançados ou industrializados – cujas taxas de crescimento seguem a mesma tendência e, de facto, convergiram ao longo dos anos. A tendência observada se configura, portanto, como provavelmente sistêmica – isto é, vem a ser explicada pela estrutura da economia mundial como um todo – e não como resultado dos problemas ou circunstâncias particulares de um dado país.

A Figura 5, em que aparece uma comparação da taxa média de crescimento a longo prazo dos 16 países do Norte, mostra que estas médias se situam em qualquer caso numa faixa bastante estreita, ou seja, entre 2,5% e 3,5%, com apenas o Japão e Espanha acima do limite superior e apenas a Dinamarca e o Reino Unido abaixo dele.

A figura 6 é ainda mais impressionante; ela mostra o crescimento ocorrido antes de 1974 frente aquele o que aconteceu depois. A importância deste ponto de separação é que 1974 – apelidado de "Segunda Queda" por Ernest Mandel (1978) com o fim de indicar a primeira grande recessão desde 1929 – sinaliza, em retrospecto, o fim do boom da "Idade de Ouro" do pós-guerra. Como mostram os dados, o declínio já havia se mostrado há pelo menos 10 anos antes dessa crise eclodir. Ela sinalizou o fim definitivo da expansão pós-guerra do norte industrializado. A figura 6 é importante também porque mostra que quase todo o crescimento de alcance (*catching-up*) das economias competidoras, notadamente o Japão e a Espanha, ocorreu nesse período. O alcance, pelo menos no Norte, foi um fenômeno que ocorreu somente no período de boom.

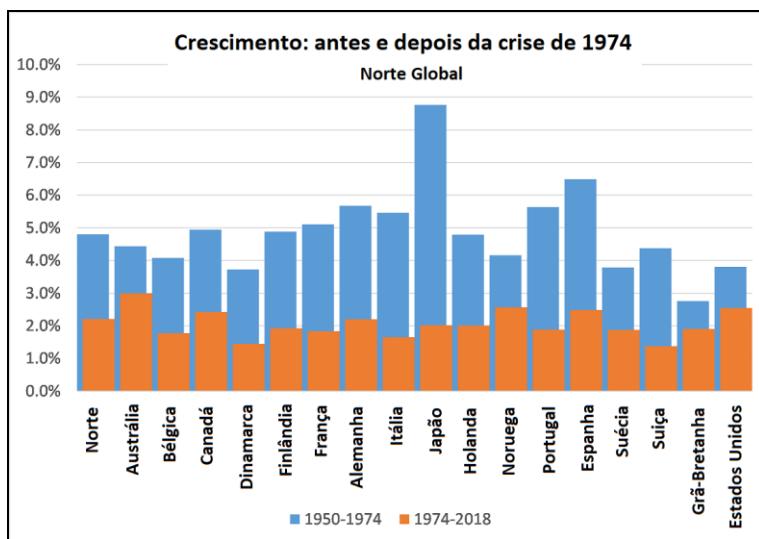
Figura 5



O Quadro 6 também põe em dúvida a ideia de que, após 1974, ocorreu algum tipo de recuperação do tipo sugerido, por exemplo, por Dumenil e Levy (2004); ou que o capitalismo tenha entrado em uma nova fase de crescimento estável ou acelerado, tal como sugere os escritos da corrente conhecida como das *Estruturas Sociais de Acumulação*. Uma comparação histórica adequada sugere fortemente que 1974 deu início a uma profunda desaceleração em toda a economia do Norte, revertida apenas parcialmente por um período de 8 a 10 anos após a dupla crise de 1981.

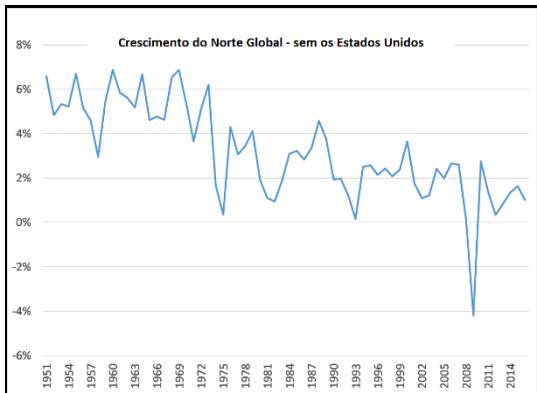
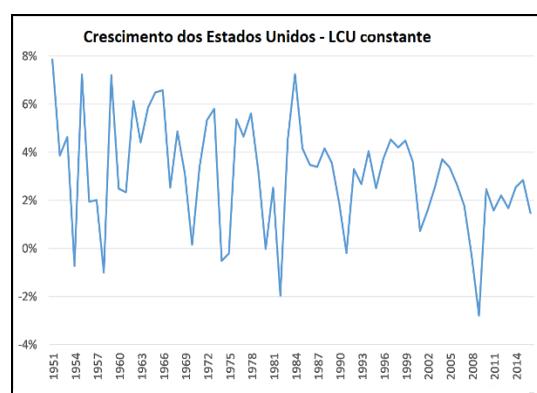
Essa breve recuperação não é sem importância. No próximo artigo desta série, sobre o crescimento do Sul, vai-se sugerir a razão desse comportamento: dir-se-á essencialmente que ocorreu nesse período uma tentativa sistemática de repassar os problemas econômicos do Norte não apenas para os trabalhadores do Norte, como é frequentemente reconhecido, mas também para os povos dos países do Sul. O ponto chave, no entanto, é que essa tentativa não teve sucesso duradouro. Esta é, possivelmente, a razão principal para as atuais tensões comerciais extremas que agora parecem abalar os sistemas econômicos na atual ordem mundial.

Figura 6



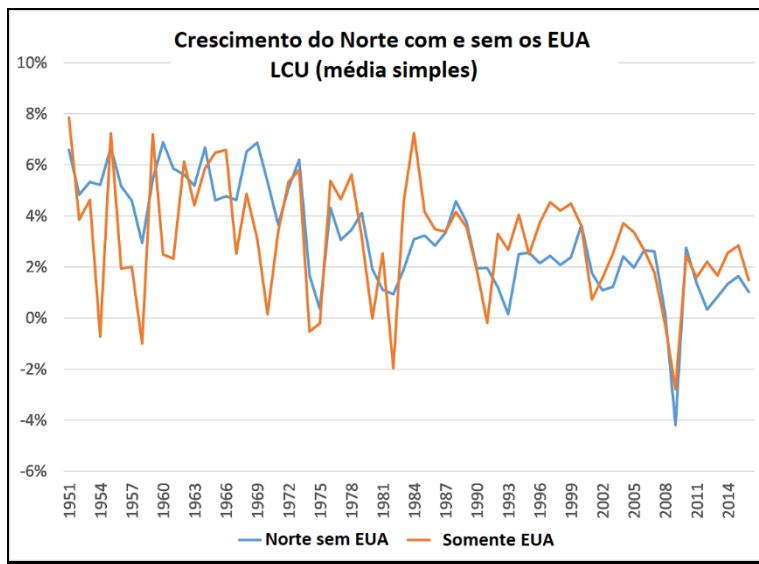
Os EUA: exceção ou líder do Norte?

A convergência e a similaridade das taxas de crescimento dos países do Norte põem uma importante questão: como o desempenho dos Estados Unidos, o maior país capitalista do mundo, compara-se com os de seus rivais industrializados? Será que ele, como talvez Donald Trump gostaria de sustentar, supera os seus rivais, dando assim um exemplo para o mundo? Alternativamente, como muitos comentaristas sugerem, ele seria uma exceção a um padrão geral de bom desempenho, já que experimenta um declínio cujas causas estão nele mesmo?

Figura 7**Figura 8**

Como mostram as figuras 7 e 8, o declínio não é mais acentuado nos EUA do que no resto do Norte; ora, ele está fortemente presente no conjunto como um todo e em particular. O declínio dos EUA, entretanto, parece significativamente mais volátil, mas isso ocorre, em parte pelo menos, devido ao processo de extrair a média que tende a suavizar as flutuações no caso do conjunto dos países com a exceção dos EUA.

A Figura 9 fornece as duas medidas no mesmo eixo para comparação. Ela ilustra a conclusão fundamental: tanto os EUA como o restante do Norte apresentaram um declínio histórico de longo prazo com taxas muito semelhantes, havendo todos atingido um ponto muito semelhante ao final do processo histórico.

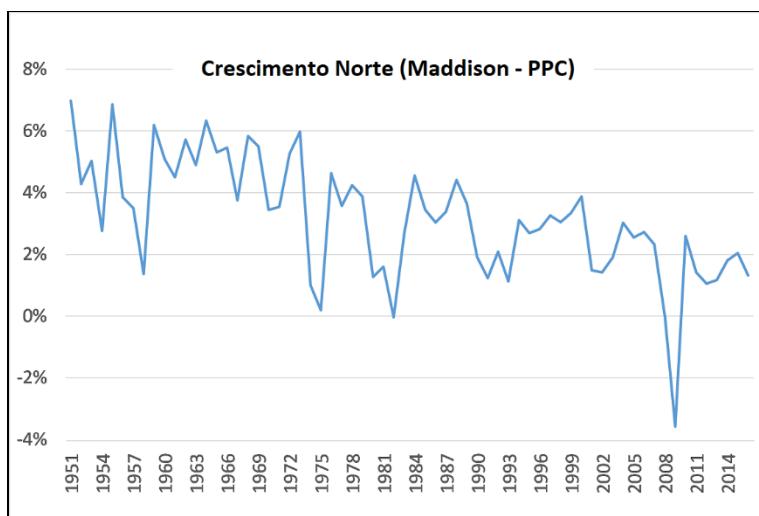
Figura 9

Paridade do poder de compra – Estatísticas Maddison

O início das "décadas perdidas", assim com o aumento imprevisto da desigualdade internacional, que se seguiu à crise da dívida do início dos anos 80 e do avorecer do neoliberalismo, produziram uma forte preocupação que se expressou de

forma mais visível no movimento Jubileu 2000. Estes anos viram o início de agitações sociais que contribuíram fortemente para a ascensão dos governos da "onda rosa" na América Latina e da Primavera Árabe no Oriente Médio. Em reação, os organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial preconizaram estratégias de redução da pobreza voltadas para os países e pessoas mais afetados. Tal curso histórico também se refletiu nas preocupações de autores como Piketty (2014) e Pickett e Wilkinson (2009).

Figura 10



Isso também levou a uma espécie de revolução nas estatísticas econômicas, com a adoção dos *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* (ONU, 2015). Desenvolveu-se, assim, uma série de mensurações destinadas a captar e rastrear os efeitos da pobreza. A primeira delas foi a construção, a partir de 1992, após um período inicial de hostilidade, do PPC, ou seja, do PIB medido segundo a paridade do poder de compra.

Em princípio, o propósito da PPC é ajustar as alegadas distorções na mensuração da renda nacional, decorrentes do fato de que as mercadorias não custam o mesmo em países diferentes. Foi pensado por analogia com a 'renda real' em que se busca uma correção para o efeito da inflação puramente monetária. A ampla adoção de PPC pelas agências internacionais, em grande parte, está ligada ao fato de que assim se aumenta a renda dos países pobres e se reduz a renda dos países ricos, o que leva a uma melhora significativa na batalha contra a pobreza devido, principalmente, aos diferenciais de preço – com pouca ou nenhuma relação com o desempenho produtivo. (Freeman 2009).

Estudiosos do PPC reagiram a este problema distinguindo entre medidas do tipo PPC adequadas ao estudo do consumo e aquelas adequadas ao estudo da produção. O grupo Maddison pretendem fornecer, agora, uma medida do PIB apropriada para as comparações de crescimento. Em qualquer caso, as dificuldades acima mencionadas associadas com PPC são de menor importância para a medição do crescimento.

No entanto, as medidas de crescimento da PPC diferem daquelas baseadas em renda real não ajustada ou em "moeda local constante". É importante, para um estudo geral, comparar nossos resultados com dados baseados em PPC. Uma outra característica útil das medidas de PPC é que, sendo expressa em uma única moeda

universal (isto é, em Dólar Internacional PPC), torna-se legítimo adicioná-las simplesmente, antes de estimar o crescimento.

Os resultados são inconfundíveis e levam à uma conclusão: a evidência combinada dos dados de longo prazo agora disponíveis a um amplo público mostra um declínio inequívoco e decisivo, duradouro nos últimos 50-65 anos, afetando todos os países do mundo industrializado, sem mostrar nenhum sinal de que está no fim.

Bibliografia

Duménil, Gérard and Dominique Lévy. 2004. *Capital Resurgent: Roots of the neoliberal revolution*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Freeman, A. 2009. 'The Poverty of Statistics'. *Third World Quarterly* Vol 30(8) December 2009. pp1427-1448
ideas.repec.org/p/pra/mprapa/16827.html

IMF. 2018. Statistical Appendix to the October 2018 *World Economic Outlook*,
<https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2018/09/24/world-economic-outlook-october-2018>

Jordà, O., Moritz Schularick, and Alan M Taylor. 2017. Macrofinancial History and the New Business Cycle Facts. In *NBER Macroeconomics Annual 2016*, volume 31, edited by Martin Eichenbaum and Jonathan A. Parker. Chicago: University of Chicago Press.
<https://www.nber.org/chapters/c13776>

Mandel, E. 1978. *The Second Slump*. London: Verso

Pickett, K and Richard Wilkinson. 2009. *The Spirit Level: Why Equality is Better for Everyone*. Equality Trust.

Piketty, T. 2014. *Capital in the Twenty-First Century*, trans. A. Goldhammer. Cambridge, Mass.: Belknap Press.

UN. 2015. Millennium Development Goals website. <http://www.un.org/millenniumgoals/>